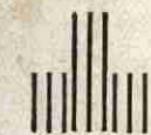


# LEITURAS de ALCOVA



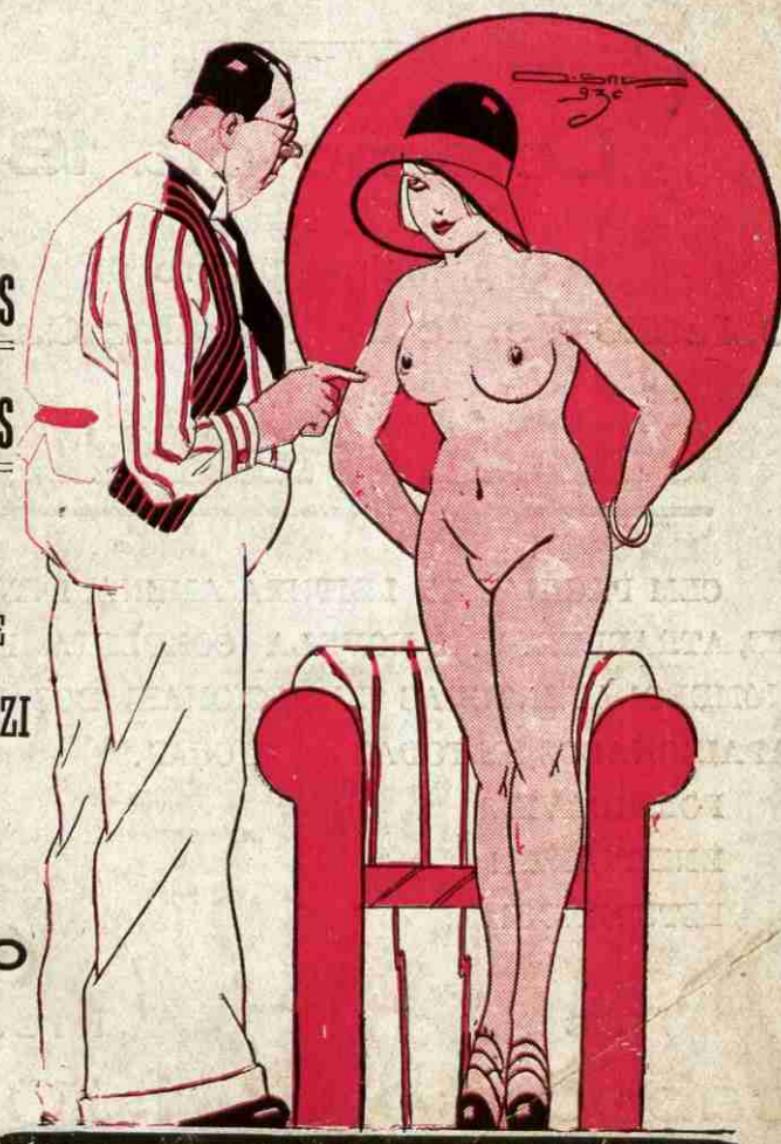
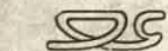
## Amores Pagão



NOVELA DE  
LUIΣ RATOZI



PREÇO  
1\$000



25A, 363, 25

# Coleção Herde de Novelas Galantes

**Leia no dia 15**

O primeiro numero da  
Coleção Verde de Novelas Galantes:

**S E R Á S M I N H A !**

CEM PÁGINAS DE LEITURA AMENA, INTERESSANTE, ATRAENTE. UMA NOVELA COMPLETA EM CADA NÚMERO! AVENTURAS SENSACIONAIS DOS GRANDES APAIXONADOS DE TODAS AS ÉPOCAS.

FORMIDÁVEL!

ENERVANTE!

ESTUPENDO!

Aos  
**sabados**



Preço:

**11 \$000**

# LEITURAS DE ALCOVA

ANNO II

NUM. 41

---

---

# Amores pagãos

(Supplements de "SHIMMY")

POR

LUÍS RATOZI



IMPRENSA MODERNA  
Rua Visconde da Gavea, 26 - loja  
R I O  
MCMXXXIV

Foi a Grécia a terra dos prazeres da carne. Os templos, os jardins, as ruas, as festas populares, os costumes, tudo concorria para a liberdade e licereza dos habitantes das cidades, e a prostituição mais escandalosa frutificava naquele terreno fértil o vício e para o debaixo.

As mulheres gregas tiveram fama de serem as mais belas de toda a antiguidade. Estátuas hoje encontradas em pacientes excavações e espalhadas nos mais celebres museus do mundo, dão uma ideia do que foram as mulheres que serviram de modelo a escultores famosos, notadamente a famosa cortezã Frinéa.

---

Frinéa nasceu em Tespiás. Sua mãe concebeu-a numa dessas ceremonias religiosas nas quais as mulheres se entregavam aos estrangeiros em honra da deusa Vénus, ignorando, por conseguinte, quem foi seu pai. São considerados possuidores de algo sagrado, os filhos engendrados em tais ceremonias. Isto talvez tenha ocorrido para que Frinéa se parecesse com a imagem da própria Vénus.

Uma adivinha das muitas que naquela época exerciam grande poder na imaginação popular, vaticinou que a menina, então chamada Mnesarete e depois Frinéa, seria grandemente protegida pela deusa, que dela faria uma eleita.

A mãe de Frinéa morreu cedo, deixando-a entregue aos cuidados de uma tia, que exercia a profissão de cortezã. Naturalmente esta tia tratou logo de encaminhá-la para a sua rendosa profissão, afim de auferir lucros gastos na educação da sobrinha.

Mandou-a em primeiro lugar para o campo, para desenvolver-se longe do bulício da cidade, alugando uma casinha perto de um bosque.

Passou aí Frinéa toda a sua infancia, sempre muito isolada, estudando e aprendendo, principalmente pintura e escultura. Atingindo a puberdade resolveu a tia chamá-la para junto de si afim de instrui-la no oficio de cortezã, que exigia uma educação acurada e atenta-

O corpo de Frinéa, desde que começou a desenvolver-se, prometia ser o que foi: um assombro de graça e perfeição.

Ao chegar a Atenas, a casa da tia, ficou esta espantada de ver a menina transformada em mulher perfeita e acabada, e pensou logo nos rendosos proventos que poderia usufruir mercadejando aquele corpo admirável.

Quando ela completou quinze anos, disse a tia:

— Já estás na idade de começares a vida de cortezã; pelo menos aprendeste toda a parte prática. Vou te arranjar um amante.

Mas Frinéa, já demonstrando o seu caráter voluntarioso e exigente, contestou:

— Oh! Não! Não quero que me busques um amante. Os amantes é que têm de me buscar **a** mim. Isso sim.

— Mas como é que eles te poderão buscar, se vives retraída, longe de todo mundo? — contraveio a tia.

— 'Não convém pressas — respondeu Frinéa sorrindo- Farei com que eles me vejam. ..., **na** época própria.

— Mas já estás na época própria — lembrou a tia. Que esperas mais?

— Pelo que vejo desejas recuperar o que gastaste comigo — disse a moça ironicamente.

— Nada mais natural. Estou começando a envelhecer e os homens não me solicitam mais como antigamente.

— Nada receies. Em varias histórias que me contaste a respeito de cortezãs, aprendi que quanto mais uma mulher se oferece menos valor tem aos olhos dos homens. Visto isso convinha que os homens me cubiçassem antes **tíe** me conhecer.

— Como poderá ser isso? — preguntou admirada **a tia**.

— Muito facilmente. Estás farta de me dizer que o meu corpo é perfeito, que qualquer homem que me visse nua ficaria apaixonado; pois desejava saber se isso é verdade, mostrando as **minhas formas** antes de me verem em pessoa. Assim oferecer-me-ei de modelo a Um pintor célebre. Uma vez feito o quadro, se-

rá exposto publicamente; se eu for realmente bela, serei solicitada e então poderás exigir elevado preço. Sou virgem é quero começar minha carreira tirando grande proveito da minha virgindade. Agora poderás compreender por que não tenho pressa.

A tia convencera-se e aceitou o plano de Frinéa.

---

Frinéa tinha uma grande pendencia para a arte, principalmente ipara a pintura e a escultura. Possuía vários quadros, dentre eles um em tamanho natural, que representava o nascimento de Venus. A moça, deixando a tia, foi ao quarto, tirou o quadro e pôs-se a contemplar as impecáveis linhas do corpo da deusa, saindo d.» mar.

— Como sou parecida com a deusa! — murmurou.

Para verificar ainda mais a semelhança, tirou toda a rouipa do corpo, pondo-se nua diante do espelho, na mesma atitude da deusa.

Frinéa estava linda. As linhas do rosto tinham a pureza, harmonia e majestade que a imaginação de um artista dá á imagem divina. A sua palidez morena e um tanto amarela talvez justificasse, mais tarde, o sobrenome de Frinéa, por analogia com a cor da rubeta "fria". Pescoço, ombros e braços, eram divinamente modelados; avultados, mas proporcionais ao corpo, eram de perfeição absoluta; o ventre, a cintura e cadeiras, irrepreensíveis; e as coxas

redondas e muito unidas, diminuindo até às pernas, terminadas em pésinhos diminutos, pareciam duas colunas de alabastro, dignas de amparar tão formoso tronco, coberto de pele fina e transparente, cuja brancura fazia sobressair o rosado dos mamilos e a negra e lustrosa penugem que cobria o seu púbis saliente.

A moça, com o quadro na mão, foi comparando uma a uma todas as suas perfeições fisicas, e acabando o exame exclamou:

— Oh! Hei de ser uma cortezã célebre...

---

Entre as amigas da tia de Frinéa, havia uma chamada Gnatene, que tinha uma sobrinha chamada Gnatenion. Frinéa simpatizava muito com esta e certa vez estando só, falaram na vida de cortezã, profissão de Gnatenion.

— Que esperas para entrar na nossa profissão? — preguntou Gnatenion. Não sei como podes suportar essa vida retirada que levas. Eu morreria de tristeza se não pudesse ir ao teatro, ás festas... aos banhos... Lugares em que me divirto com os olhares dos homens que vêm de noite á minha casa trazer dinheiro e prazer.

— Ha muito tempo que exerces essa profissão? — preguntou Frinéa com curiosidade.

— Ha bastante tempo. Comecei muito cedo, criança ainda.

E o rosto anuviou-se-lhe de melancolia.

— Parece que a recordação do inicio de foiat. vida de cortezã te entristeceu.

— Sim, porque me é muito dolorosa esta recordação. Vou te contar tudo. Desde já te direi, e muito em segredo, que não sou sobrinha daquela mulher que se diz minha tia. Não direi mais nada quanto á minha origem porque isso pouco te interessaria. Tinha-me abandonado; esta que passa por minha tia deu comigo e vendo que eu era bonita, tomou conta de mim, ífazendo-me passar por sobrinha afim de me explorar.

"Se bem que muito jovem, apenas atingida a puberdade, os exemplos e as cenas que presenceava me davam desejos de gozos desconhecidos, sonhando que estava sendo acariciada por um rapaz que me agradava bastante. Mas tudo era ilusão. Certa tarde 'procurou-me minha tia, dizendo que um senhor muito respeitável comprara a minha virgindade e que estava á minha espera em casa.

"— Mas ele não me conhece! — exclamei assombrada.

“ — Viu-te comigo e ficou gostando muito de ti. Trata-se de um satrapa e não devemos fazê-lo esperar. Vou trazê-lo aqui.

"Fiquei aturdida, receosa do que me ia acontecer de maneira tão imprevista; mas o meu temor cresceu quando vi entrar um homem alio e gordo, já velho, com cabelos brancos.

"Fiquei estupefata, não respondendo ao seu cumprimento.

“ — Cé muito jovem — disse minha tia — « está um pouquinho assustada... é a primeira vee...

"E achegando-se a mim, aconselhou:

"— Anda, não sejas boba. Nada de medo, e sé muito amavel com este senhor.

"(E deixou-nos sós-

"Bem que eu desejava ser amavel naquela ocasião, mas não podia... Aquele velho, com o seu ar grave, impunha-me mais aversão do que desejos... Sentou-se num divan, fazendo que eu me sentasse nos seus joelhos. Tinha que lhe obedecer, aceitando sem protestos as suas carícias, que em vez de ilusão me davam repugnância.

"Mas isso não sucedia a ele. O manuseio oe meus peitos eausou-lhe, sem dúvida, grande excitação, porque fez-me logo tirar as roupas e mandou-me deitar na cama, onde também foi ter, nu como eu.

"Um calafrio percorreu-me o corpo ao ver o seu -corpo nu, negro e peludo, e com... aquilo que os homens têm entre as pernas que serve para distinguir os sexos... Pensei que não poderia lograr os seus intentos e esperei ansiosa, apavorada-

"O bruto, apesar de meus gritos e de minha» súplicas, conseguiu o que desejava, e pela sua respiração anelante percebi que gozava enquanto eu sentia uma dor indescriptivei... Ái está por que me é doloroso pensar neste caso, que valeu a minha tia uma insignificante gorgeta

"Depois recuperrei esse fracasso com outros homens — disse rindo — e tenho atualmente •como amante predileto o ator Andronico, que

por sinal me deu uma coisa bastante desagradável...

E fez uma careta de enfado.

— Que foi? — preguntou Frinéa que acompanhava a palestra da amiga com interesse.

— Não reparaste em nada? E' verdade que a roupa disfarça muito. Olha.

Ficou em pé, levantando a fralda da cama até à cintura, e mostrando o ventre abaulado.

Frinéa olhou e não atinou com o que a amiga queria dizer.

— Não me lembrava que eras muito inocente ainda — prosseguiu Gnaténion. Isto quer dizer que estou grávida. Foi um presente do Andronico... ou outro qualquer, pois é difícil garantir quem foi. Na dúvida, apontei a Andronico, que ficou contente com a proeza, que me tem desesperado, pois receio que vá deformar meu corpo.

Sentou-se novamente e continuou:

— Pois isto aconteceu justamente quando o pintor Apeles desejava imortalizar-me num quadro, tomando-me por modelo.

Esta notícia muito interessou a Frinéa, que indagou:

— Esse pintor Apeles é o grande artista à quem tenho ouvido falar?

— E' o melhor artista de Atenas. Seus quadros são admiráveis®.

E fitando a amiga:

— Por que não te apresentas como modelo? Segundo disse tua tia, tens um corpo magnífico. 'Por que não tentas?

Frinéa 'vacilou e, desejosa de ver o efeito que sua nudez produziria em Gnatenion, deixou cair ao chão as suas roupas.

A amiga ficou estatelada de admiração:

— Tuas formas são divinas! — disse. Tenho visto muitas mulheres nuas, no banho e em outros lugares... mas nenhuma 'cederia ser comparada contigo. Não tenho ciúmes, porque sou um tanto artista e sei render culto á beleza... Se Apeles te vir, não quererá outro modello. Infelizmente não está aqui. Foi passar uma temporada fora da cidade para descansar.

Estas últimas declarações da amiga muito contrariaram Frinéa, que já tinha pensado em Apeles para a realização do seu plano. Mas dissimulou a sua contrariedade, conversando com a amiga sem que esta nada percebesse.

A mulher que protegia e explorava Gnatenion dava ceias em casa, a que assistiam os mais notáveis homens da Grécia. Na que se seguiu á conversação travada entre as duas amigas, Gnatenion, nada invejosa, enalteceu a beleza escultural de sua amiga Frinéa. 'Escutaram todos com muita atenção, fazendo mil e uma perguntas, e esipalhou-se então a notícia que ia aparecer breve uma nova cortezã cuja forma-sura não tinha igual.

Dois dias depois, um antigo amante da tia de Frinéa apresentou-se em casa desta. Chamava-se Alcibiades e era um homem muito rico e depravado, que tinha o orgulho de conhecer todas as cortezãs de nomeada.

— Ouvi dizer que tinhas uma sobrinha <le

grande beleza, que 'pretendes lançar na prostituição — foi logo indagando. 'E' verdade?

— iE' verdade.

— Sabes que «ou doido por uma mulherzinha nova e bonita. Queres mostrar-ma? Se m« agradar...,

A tia interrompeu:

— Previno-te que é virgem e vai te custar um dinheirão...

— Virgem? Será possível? — interrogou ele, sorrindo com incredulidade-

— Sim, virgem, tal qual como foi parida pela mãe. Até agora nenhum homem a viu nua...

— Tanto melhor! — exclamou Alcibiades satisfeito. Dar-te-ei quinhentas dracmas para vê-la nua, e se é como dizem, darei mais mil para possuí-la.

A tia tficou a pensar. Receava que Frinéa se opusesse, aferrada ainda aos seus extravagantes propositos; mas como a proposta era tentadora, resolveu ver se conseguia alguma coisa.

— Não sei se minha sobrinha aceitara — contestou — porque não a obrigo a coisa alguma. Se ela consentir, terás de me dar quinhentas dracmas para vê-la nua e duas mil para possuí-la.

— Acho muito.

— Quando a vires não acharás muito. Aceitas?

— Aceito.

A tia, muito contente, procurou a sobrinha, expondo^lhe as pretensões do visitante.

Naquele momento, justamente, meditava eia

sôbre a resolução que devia tomar. A ausência (do pintor Apeles imicedia que fosse realizado o seu plano como pretendia. Além disso, sentia-se aguilhoada pela curiosidade do desconhecido... Assim escutou a relação da tia, sem opor o minimo embargo. Preguntou a que ciasse de homens pertencia o seu pretendente, e ao saber que era muito distinto, se bem que não muito jovem, mudou de roupa, endireitou os cabelos e disse á tia que o fizesse entrar.

Minutos depois aparecia Alcibiádes acompanhado da tia.

Foi agradabilíssima a impressão causada pela jovem, que se achava deitada num divan, os braços e os ombros nus, o peito apenas coberto por um transparente tecido...

Tomou a delicada mão que ela estendeu sorrindo, beijando-lhe a ponta dos dedos finos.

— E' de fato linda! — disse á tia. Se o corpo corresponder á formosura do rosto será a mais linda mulher que já vi em toda a minha vida.

— Assim verás melhor — disse a tia, tirando o cinto da sobrinha e desabotoando-lhe a túnica.

Frinéa, obedecendo a um instinto de pudor, quis segurar a roupa, que lhe deslizou pelos formosos peitos; mas sob um olhar de comando da tia, levantou-se para que a túnica caisse, e a túnica, com pena de abandonar aquele corpo, deteve-se um instante nas cadeiras modelares e depois caiu no chão.

Alcibiádes permaneceu extático. Depois, Ian-

cou uma exclamação de admiração, arrojando-se aos seus pés, beijando-a toda, proclamando-a a mais linda mulher do mundo.

A tia, satisfeitaíssima, deixou-os sós, ouvindo pouco depois, detrás da porta, um "Ai!", seguido de suspiros alucinantes de prazer.

.....

Uma hora depois, saía Alcibiades da habitação com ares de conquistador, entregando á tia a quantia estipulada. Foi logo a tia á procura da sobrinha, que se achava ainda deitada na cama, os olhos semi-cerrados, morta de cansaço.

— Estás fatigada?

— Um pouco — respondeu a jovem. Manda tpreparar o banho.

— Já está pronto.

Levantou-se da cama.

— Portou-se bem o homem? — quis saber a tia. Estás satisfeita?

— Sim.

— (Pois olha o valor do teu sacrifício —. disse a tia mostrando as moedas.

Frinéa olhou e disse:

— Pouco para o que eu dei; mas bastante para início de uma fortuna que pretendo conquistar ...

E sumiu-se no quarto contíguo, submergindo o corpo branco num banho de agua perfumada.

---

Propagou Alcibiades a sorte que tivera em ter passado uma hora com Frinéa, enaltecedo

a perfeição admiravel das suas formas venusinas. Choveram as propostas para passar noites com a nova cortezã; uns eram atendidos, outros não, pela impossibilidade de pagar a grandiosa soma que se pedia.

Frinéa, apesar da nova situação, não estava satisfeita- Desejava um acontecimento ruidoso que a fizesse célebre, em lugar da sua imagem reproduzida no quadro por um artista de fama. E nas horas que passava retirada nos seus apartamentos, profanados pelas cenas licenciosas de seus diferentes amantes, torturava a imaginação procurando um meio de adquirir uma grande popularidade baseada nos encantos de suas formas, que ela mesmo julgava irresistíveis, e que nenhum de seus amantes, salvo Alcibiades, vira em plena claridade. Alcibiades tinha obtido aquela graça por se ter apresentado de dia, e por pagar paravê-la nua. Além disso ela tinha curiosidade de ver o efeito que produziria em um homem o seu corpo nu. Aos outros, recebia-os de noite, a meia luz, e se bem que se deixasse acariciar sem opor obstáculos, tinha cuidado para que não machucassem o seu harmonioso corpo.

Aproximava-se a festa todos os anos celebrada em honra de Netuno e de Vénus. Num pequeno templo situado perto do mar, reuniram-se os homens mais notáveis do país, e ~~as~~ mais distintas mulheres, luxuosamente vestidas, para apreciar a cerimonia em homenagem ao deus dos mares e á deusa Vénus, saída dag onda».

Frinéa propôs representar esta eena, ofere-

cendo-se aos organizadores da festa, que aceitaram a idea.

Correu a notícia célere e no dia aprazado para a cerimonia, uma imensa multidão, composta de todas as classes sociais, se apertava em torno do templo, desejosa de contemplar Frinéa, quasi desconhecida, mas cuja fama corria mundo.

Na hora marcada, Frinéa **chegou, envolta** num manto riquíssimo. Ao chegar perto do templo, despojou-se **do manto e de todas as** roupas. Os cabelos, abundantes e fartos, caíram pelo corpo encobrindo as suas formas. Lentamente dirigiu-se ao mar, seguida pela multidão extasiada.

Na praia, deixou que as ondas mansas lhe beijassem os pés, calçados numas sandalias brancas, e depois, andando, entrou na agua, que lhe batia até os peitos. Virou-se de frente para o público, mostrando, pouco a pouco, a formosura de suas imaculadas formas, iluminadas por um sol esplendido, até chegar outra vez á margem.

Aplausos atroadores dados pelas mãos, erguidas ao altò, de toda a multidão entusiasmada, que a devorava com a vista, acolheram a aparição, semelhante á própria Vénus renascendo pela segunda vez.

Frinéa deteve-se um instante para torcer os<sup>1</sup> cabelos encharcados, sacudindo com as mãos diáfanas as gotas dagua que lhe escorriam pelo corpo; envolveu-se de novo no manto de purpu-

ra e entrou numa liteira, fugindo das aclamações e vivas da multidão em delírio.

---

Depois da cerimônia a fama de Frinéa redobrou. A sua beleza causara sensação inesquecível. Os homens, à compita, disputavam a honra da posse daquele corpo divinal. Mas a porta do santuário da cortezã só se abria para os que podiam dar as somas enormes exigidas. Assim mesmo, tinham muito que esperar, pedindo com antecedência as entrevistas. Frinéa, industrializada pela tia, sabia como ninguém excitar e desperbar o gozo em seus amantes.

Para cúmulo de felicidade recebeu certa vez uma carta do pintor Apeles pedindo-lhe que servisse de modelo para um quadro que pretendia fazer, representando-a na cena em que sala do mar, como na festa de Netuno e Vênus.

Frinéa respondeu sem vacilar, e no dia seguinte foi ter ao atelier do artista.

O pintor agradeceu muito a pronta, aquiescência, dizendo que estando fora, tinha regressado no dia da festa tão somente para vê-la, voltando de novo para o seu retiro, onde estava descansando. Mas a imagem da cortezã **ficara** tão fundamente gravada na sua retina, que desejava passá-la para a tela. Frinéa mostrou-se agradecida com a ideia e para começar a urinária sessão ficou inteiramente nua.

Ficou o pintor **um** momento estatelado, contemplando-a.

— Não sei se me será possível trasladar pa-

ra a tela as linhas perfeitas do teu corpo — disse. De perto és mais bela. do que de longe.

— Dizem que tens muito talento e serás capaz de me reproduzir tal qual eu sou.

— Assim possa ser! — exclamou o pintor, iniciando o quadro.

As sessões continuaram por alguns dias. O pintor de quando em vez dirigia-lhe olhares que não eram propriamente de artista, o que ela notava, adivinhando-lhe os desejos e satisfeita pela maneira respeitosa como a tratava. No último retoque da tela Frinéa julgou-se diante de um espelho, tal era a semelhança entre ela e o quadro!

— Mas que prodígio! — exclamou.

— Estás contente? — preguntou ele.

— Muito! E's de fato um grande artista.

Apeles aproximou-se dela.

— Quisera possuir um tesouro para te oferecer em pagamento pela inspiração que me deste — disse, os olhos esbravejados de desejos.

Frinéa então disse:

— E eu, em pagamento do que fizeste, dar-te-ei... o que estás desejando.

E enlaçou-se no pescoço do artista.

Apeles estreitou-a nos braços, beijando-a com ardor; depois levantou-a, jogando-a num divan e atirando-se para junto dela.

.....

Ao despedir-se do artista, disse Frinéa:

— O que acabo de te dar foi apenas um adiantamento. Quando quiseres poderás voltar que te darei o resto...

Foi Apeles o seu amante favorito e gratuito durante algum tempo. Frinéa, apesar da sua grande ambição, gostava de ter os seus amantes gratis de vez em quando.

.....

A exposição do quadro de Apeles chamou a atenção de toda Atenas artística, aumentando a popularidade de Frinéa.

Mas em breve novo sucesso vinha, fazer crescer mais a sua fama e o seu amor proprio. O escultor Praxiteles, de grande nomeada, autor das melhores estátuas gregas, solicitou de Frinéa que servisse de modelo para uma Vénus de Guido. A jovem, como era de supor, aceitou imediatamente.

A estátua saiu perfeita e Praxiteles recebeu também em premio ao seu talento artístico a posse do corpo que imortalizara no mármore.

Continuaram os dois artistas a serem os seus amantes, mas Praxiteles foi o predileto.

Certa vez, depois de amorosos transportes, disse o escultor:

— Que poderei dar-te em recompensa pelos momentos de prazer que me concedeste?

Frinéa pensou um fpouco e respondeu:

— Como recordação dos nossos amores quiserá ter a tua melhor estátua.

— Escolhe então.

A cortezã pediu um prazo de alguns dias para se decidir.

Durante esse prazo, estando Praxiteles em casa da amante, entrou pela casa dentro um

escravo gritando, alarmado, que o atelier do escultor estava ipegando fogo.

— Ah! — exclamou IFraxiteles. Estou perdido se o fogo destruiu o meu Sátiro e o meu Cupido...

— Escolho Cupido! — interromüeu Fnnêa prontamente.

Tratou de tranquilizar o escultor, dizendo que o fogo fôra um ardil seu para conhecer a opinião espontanea dele em relação ao valor das suas obras.

Ofereceu mais tarde Frinéa essa estátua à cidade.

---

Frinéa atingira o auge da gloria. As mulheres honestas invejavam-na, pois os esposos se arruinavam para obter os seus favores. As cortezãs odiavam-na, pois ela lhes arrebatava os amantes. Mas apesar disso tinha Frinéa conseguido a amizade sincera de muitas delas salientando-se Bachis e Mirrina.

Bachis era uma alma terna e melancólica que, quando tinha um amante, vivia exclusivamente para ele. Não tinha inveja nem ciúmes. Fôra muito infeliz em sua juventude.

A mãe, filha de boa familia, tinha casado com um marítimo que passava muito tempo em viagens, sempre longe de casa. e da familia.

De volta de uma viagem que durara dez meses, encontrou o esposo a mulher um pouco palida e doentia.

— Que tens? — preguntou.

— Estive doente e ainda não estou boa •  
respondeu. Ainda vais viajar?

— Naturalmente — respondeu ele. Vim ape-  
nas para te ver e gozar os teus encantos, de  
que me acho ha muito tempo privado.

Atraiu-a para junto de si, fazendo-a sentar-  
se nos seus joelhos.

— Que é isto? — exclamou, passando a mão  
sobre o ventre abaulado.

— E' uma inchação — disse ela. Pois não  
acabei de te dizer que estive doente?

O marido olhou-a fixamente; uma ideia lhe  
passou pela cabeça, e com movimento rápido  
deitou a esposa num divan, levantando-lhe as  
roupas até á cintura.

— Estás grávida! — gritou cheio de cólera-  
E colérico, cheio de Ifu-ror, ia dar um soco no  
ventre que encerrava o fruto de sua deshonra,  
mas sendo um homem bom, generoso, não pôde  
matar um ser inocente que nada tinha com o  
pecado materno,

Saiu de casa, e icouco depois desaparecia no  
navio que o trouxera, para nunca mais voltar.

O ser que palpitava no seio da adultera era  
Bachis, que nasceu, detestada pela mãe, que a  
considerava como única culpada do abandono  
do esposo, seguido do abandono do amante.

Foi a menina recolhida por uma parenta que  
procurou dar-lhe uma educação bastante esme-  
rada; certa vez, vendo-a a mãe crescida e bo-  
nita, resolveu levá-la para explorá-la.

A mãe de Bachis era uma prostituta que  
aceitava quantos lhe batessem á porta, ven-

dendo-se por preços ínfimos. A moça, que até então se criara com inocência, recebeu com assombro as lições da mãe, não se revoltando porque lhe tinha muito medo e ela a espancava por qualquer ninharia.

Uma tarde, estando a mãe sentada á porta da casa, observou Bachis que um homem se achava parado á porta. Depois entrou, seguido da mãe. Como isto era frequente, retirou-se Bachis para deixá-los á vontade. Mas nisto, volveu a mãe com os peitos descobertos e muito nervosa.

— Este individuo que entrou aqui — disse a mãe — repeliu-me porque estou ficando velha. Mas é um homem muito rico. Vem. Quero que ele te veja. Toma cuidado, tens de lhe agradar.

&gt;

E arrastou a filha feia mão.

— Esta é minha filha, de quení já te falei — apresentou-a a mãe de Bachis ao visitante. Se queres carne moça, aqui está. Sacia-te dela...

O individuo olhou atentamente para Bachis que, temerosa, não ousava levantar os olhos.

— E' de fato bonita, mas muito criança ainda...

— Mas isso que importa? Se tem tudo quanto uma mulher pode ter! Olha...

E num instante desnudou a jovem, sem se importar com a resistencia oposta pela filha e com o rubor que lhe incendiava as faces.

Os olhos do homem acenderam-se de lubridade ao ver aquele jovem corpo nu, cujas for-

mas (prometiam admiravel desenvolvimento:

— Quanto queres?

A mãe pediu uma quantia e regatearam como se fosse um comercio qualquer.

Ao ficar sózinha com o homem, o seu primeiro desejo foi fugir; mas ele, prevendo o desejo, segurou-a nos braços, beijando-a com sofreguidão. Bachis sentiu-se paralizar, e perdeu a noção das coisas, não conseguindo dar um grito ao sentir o contato brutal e íntimo do seu primeiro amante

.....

Entrando a mãe no quarto, deu com a filha a chorar, estendida na cama:

— Estúpida! — disse a velha. Chorando por causa disso? Se ele te machucou, outros te farão gozar...

.....

Bachis tassou a ter muitos amantes. Entre «lês houve um, chamado Procles de Colofonte, que depois se enamorou de outra, cortezã, chamada Plangona o. considerada rival de Bachis, que então se achava no apogeu de sua beleza-

Ao saber Plangona que Procles era amante de Bachis, repeliu as suas pretensões.

- Pede-me uma prova de amor — dizia-lhe o apaixonado Procles — que eu te darei essa prova ainda que me custe a vida.

- Pois bem — respondeu Plangona rindo. Peço que me dês o colar de Bachis.

Tinha este colar uma fama universal. Não havia igual no mundo. As rainhas da Asia in-

vejavam a cortezã que o usava ao pescoço de dia e de noite.

iplrocles, desesperado, apresentou-se a Bachis ííhoi'ando, dizendo que estava apaixonado por Plangona que o repudiara, salvo se lhe levasse o seu riquíssimo colar. Bachis, em silêncio, despojou-se do colar, pondo-o nas mãos de Procles, que vacilou diante de tão inaudita bondade- Mas, cego pela paixão, tomou o colar e saiu a correr.

Pouco depois recebia Bachis um bilhete de Plangona que dizia:

— Devoívo-te o colar, ó admiravel Bachis. Amanhã devolver-te-ei o teu amante.

Daí em diante ficaram amicíssimas as duas cortezãs, passando a us'ar em comum não só o colar como o amante.

Quando em público se via Procles entre as duas amantes, costumava-se dizer: "Lá vai o colar das duas mulheres!"

---

Mirrina era diferente de Bachis. Sua mãe não era cortezã no verdadeiro sentido da palavra. Era uma viuva sensual que procurava satisfazer os seus desordenados prazeres. Alem de Mirrina, tinha um filho m'ais velho, que viajava viajando com um tio. Ao regressar de uma longa viagem, voltou homem, com dezassete anos, mais velho do que a irmã cinco anos-

«Mãe e filha se mostraram muito contentes por tornar avê-lo, cumulando-o de beijos e caricias. O rapaz, animado pela receção festiva, começou a contar, as suas proezas de viagem,

em que havia muitas cenas de amor e de aventuras que faziam córar a irmã.

No dia seguinte ao da sua chegada, foi a sua casa um individuo, amigo da mãe. Meteram-se os dois no quarto.

— Quem é? — preguntou o rapaz.

— Diz minha mãe que é um amigo que vem tratar de negocios — respondeu Mirrina. Mas eu sei que é seu amante.

— Como sabes isso?

— Sei porque unha vez deixaram a porta aberta e tive curiosidade de espiar, vendo tudo o que se passava.

— E que foi?

— Oh! Um espetáculo que me encheu de surpresa. Ele estava em cima dela... os dois nus, e...

— Acaba — encorajou o irmão, vendo que ela não desejava prosseguir na explicação.

E com uma ideia, na cabeça, convidou a irmã para ir ao seu quarto. A irmã relutou.

— Vamos — insistiu o rapaz. Lá poderás contai\*-me tudo muito melhor.

Mirrina acompanhou-o sem protesto. Sentou-se o rapaz num divan, fazendo com que a irmã se lhe sentasse ao colo.

— Vais agora, contar-me o que viste — disse ele, apertando-a pela cintura.

A irmã não se fez rogar, contando pormenores que excitavam a luxuria do rapazinho.

— E não tiveste vontade de fazer o mesmo?

— preguntou o irmão.

A jovem enrubesceu e respondeu em voz baixa:

— Se tive! .. Mas com quem?

O irmão olhou-a com atenção.

— E's bastante bonita e atraente. Tira a túnica, quero te ver nua.

Mirrina hesito».

— Nua, diante de ti? Não me atrevo a tal fazer, meu irmão.

— Mas que tolice! A nossa mãe não fica nua diante de um estranho? Vamos, tira tudo isso de uma vez.

E ele mesmo se encarregou de tirar a túnica da irmã-

— Como és linda! Com estes peitinhos tão bem feitinhos, com biquinhos encarnados...

Levantou-a um pouco, para melhor vê-la.

— Mas que ventre soberbo e que coxas maravilhosas! Mas quanto pelinho! — disse ele, tocando o triangulo secreto. Já és uma mulher perfeita! Nada te falta.

E para melhor ver estendeu-a num divan, examinando-lhe as partes mais secretas...

Mirrina prestava-se a tudo isso. excitada pelo deleite... Mas também queria ver e tocar... o que muito satisfez o irmão, deixando-se ele pegar e apalpar pela irmã, que parecia encantada com a elasticidade do membro viril/-coisa para ela até então desconhecida... O irmão então segredou-lhe uma proposta ao ouvido.

— Não — protestou ela. Podes me machucar. Isto é tão grande...

Mas a negativa era fraca. **O irmão insistiu e**

ia realizar o seu desejo, quando foi interrompido por uma pessoa que chegava, Era a mãe deles!

— Não têm vergonha? Seus descarados! Então dois irmãos...

— E que tem isso? Ela então não é uma mulher como as outiâa?

— Certo que sim. Mas é tua Irmã. Pois se podes fazer isso com a Frigia, que te aceitaria com muito prazer! Ela acaba de chegar.

Era Frigia uma aspirante a cortezã, que já tivera algumas aventuras ardorosas e era amiga da Mirrina.

O rapaz protestou.

— Não conheço essa Frigia. Mas em toöo caso quero vê-la. Onde está ela?

A mãe levou-o ao quarto onde se achava a rapariga, que era uma jovem bastante apetitosa.

— Este é meu filho. Agrada-te?

— Perfeitamente. E' bastante simpático.

— Pois então aqui o tens. Trata de distraí-lo. Pois não é que o surpreendi com Mirrina. «ste descarado?

E contou o que se passara.

— Aceito a tua imposição. Mas em troca faço também uma exigencia — disse Frigia.

— Qual é?

— Que meu irmão, que ha pouco me Talava "om tanto ardor e entusiasmo de Mirrina, também procure distraí-la. A pobre também é de carne e osso, e estas coisas pela metade são horríveis...

— Naturalmente — confirmou Mirrina que ucahara de entrar e que tinha ouvido o que dissera a moça.

E voltando-se para a mãe, disse:

— Quero fazer o que fazes todos os dias com o tal amigo que se tranca contigo no quarto. Não esperarei mais.

Não se opôs a mãe- Mandou chamar o irmão de Frigia, entregando-lhe a filha. O rapaz, louco de amor, cobriu-a de beijos e abraços, terminando o que o outro havia iniciado...

Ao anoitecer, os quatro despediram-se. Estavam satisfeitos e cansadíssimos. iPrometeram repetir a brincadeira no dia seguinte...

Tempos depois Frigia e Mirrina instalavam-se juntas na mesma casa, inaugurando a vida d?  
eortezãs. ••

---

Bachis e Mirrina, eortezãs de fama, não lograram contudo o sucesso de Frigia. Geralmente os homens que não conseguiam obter a fortuna que Frigia exigia, procuravam estas duas eortezãs amigas, cujos preços eram modicos, acessíveis ás bolsas modestas. Um destes, amante das duas, que se chamava Hiperides, jurisconsulto de grande nomeada, depois de suplicar em vão os favores de Frinéa, e não podendo dar o que ela pedia, tornou-se amante das duas inseparáveis amigas. Mas não perdeu de todo a esperança de obter algum dia a licença para se deitar na cama da divina mere-triz e ia, a muito custo, tratando de ajuntar ha-veres para a realização desse sonho.

— Creio que nunca a terei nos meus braços — queixava-se, cheio de desalento, a um amigo. Nunca poderei reunir o dinheiro que ela exige,,

— Mas então essa criatura é assim tão extraordinaria? — indagou o amigo, que não conhecia Frinéa.

— Nunca a viste?

— Vi-a, varias vezes, na rua, muito rápido. Ela se achava sempre coberta pelo manto.

— È' uma mania. Depois de se apresentar nua diante do público nas festas de Netuno e Vénus, só se mostra na rua embiocada nos seus mantos espessos. Assim ninguém poderá apreciar as suas formas esculturais. Dizem que até na alcova, com os seus amantes, já não costuma desnudar-se toda. Manias...

— Então nunca a viste? E como se explica essa paixão?

— Vi-a uma única vez, e após súplicas reiteradas,

— Como foi isso? Estou curioso por saber.

— A primeira noite que passei com ela fui recebido numa habitação luxuosamente mobiliada. Do teto desciam artísticos perfumadores donde saíam perfumes suaves e embriajantes e luzes discretas e confortadoras. Sorrindo mandou-me sentar num amplo e fofo divan. Falei-lhe do meu entusiasmo quando a vi sair do mar, tomei-lhe uma das mãos, pequenina, esguia, encantadora, tal como os braços e os ombros, que eu via nus, pois a túnica sem mangas estava apenas presa por um único botão,

que era uma pedra preciosa. Quis tirar-lhe a túnica. Ela, sorrindo, não o permitiu.

"— Agora não.

"— Mas então quando?

"— Na hora de me deitar — respondeu ela, a sorrir, beijando-me o rosto-

"Devolvi-lhe o ósculo, em duplicado, e minha mão se infiltrou pelo decote da túnica, tomando-lhe nos peitos, verdadeiros modelos de escultura. Continuei a inspeção. A sua pele era tão suave e fina, que meus dedos pareciam deslizar sobre veludo, e foram correndo até sentir as fibras de seda que cobriam o baixu-ventre..

"— Não podia resistir mais. Estreitei-a nos braços, suplicando que se desnudasse.

"Friniéa levantou-se, tirou a túnica, e quando eu, anelante, esperava vê-la nua, percebi que se dirigia para o leito, pondo-se atrás de uma cortina. Fiquei nu por minha vez e corri a juntar-me com ela, achando-a já estendida no leito, tal como eu desejava; mas estava apenas visível pela tenue claridade que atravessava a cortina. Não podia mais fazer objeções. Atirei-me sobre aquele corpo que se me entregava, e experimentei a voluptuosidade de gozar uma mulher que além de seus encantos, possui o segredo de transmitir ao amante o mais embriagante sensualismo.

"Outra vez pedi tanto, que por fim acedeu em mostrar-se nua em plena luz- Oh! Não é possível descrever os encantos daqueles contornos

divinos... Arrojei-me a seus pés, beijando-os como se fôra a própria Vénus!...

— Compreendo agora a tua pena em renunciar a ela — declarou o amigo.

— Que fazer? — replicou Hiperides. Frinéa tem o defeito de ser muito ambiciosa, muito exigente e eu não posso suportar tamanhos gastos. Por isso é que procuro aturdir-me e esquecer nos braços de outras mulheres.

— iE quem são essas mulheres?

— Divido a minha atividade amorosa entre Bachis, que é um anjo de candura, e tão bela quanto desinteressada, e Mirrina, que apesar de suas formas um tanto estragadas pelos víscios, entrega-se com ardor pouco comum e o faz mais por gozo e deleite do que por dinheiro . . .

---

A opinião de Hiperides sobre Frinéa, era a de todos os amantes da popular e admirável cortezã. Aumentava, dia a dia, o número de homens que se arruinavam por causa dela. Arruinava-lhes a bolsa e a saúde. Pois quando se erguiam do leito de prazer saíam esgotados, doentes, quasi sem poder fazer o menor esforço... e ficavam admirados como podia uma mulher ter força e energia para aqueles reiterados torneios amatorios. . .

Mas se a vissem depois, então mais admirados ficariam. Levantava-se, lèpida e alígera, da cama. Tratava logo de mergulhar o **corpo** num banho reparador, de agua tépida e perfumada. A criada, cuidadosamente, tratava então de

apagar os vestígios impuros deixados pelos amantes naquele corpo sempre juvenil e pronto para o amor.

O segredo de Frinéa estava em saber simular os mais ardentes transportes sem participar deles, afim de não cansar o corpo que devia estar sempre pronto para os embates amatorios. Raramente gozava de fato; isso era raro e tão somente com alguns amantes, os eus eleitos e prediletos.

A estes se entregava sem nada exigir, compartilhando com eles os setís ardores lúbricos...

Certa vez, apresentou-se em sua casa um jovem a quem ela mal conhecia. Achava-o porém atraente e simpático. Pediu para falar com a cortezã. Frinéa mandou-o entrar.

Entardecia. Achava-se a cortezã estendida num divan, apenas de túnica, os braços cruzados sob a cabeça, os peitos descobertos e as pernas nuas até aos joelhos, tendo nos lábios um sorriso sensual e provocante.

O recem-chegado quedou-se diante da cortezã, timido e embaraçado, sem poder articular uma palavra.

— Que deseja? — indagou Frinéa sem se mover.

O jovem, depois de um grande esforço, conseguiu murmurar:

— Acho-te linda, divina!

Frinéa deu uma gargalhada.

— Então foi para me dizer isso que velo a minha casa?

— Não — respondeu o rapaz, encnendo-se de

coragem. Vim para te pedir uma coisa.

Depois de uma pausa, prossegui:

— Ha muito que te amo e te adoro- Desejava que (fosses minha. Mas sou pobre. Levei muito tempo a juntar dinheiro para te trazer. Mas ainda falta muito. Não podendo mais esperar, vinha saber se chega o dinheiro que juntei... E' pouco, mas é tudo quanto pude obter... pois sou muito pobre...

Enquanto o rapaz ia falando Frinéa observava-o, principalmente a sua museu atura, que era bastante desenvolvida. As linhas de seu corpo, másculo e moço, deviam ser corretas^-. Frinéa começou a se interessar pelo rapaz, mas este, desconfiado com os olhares da corteza, implorou:

— Não me expulses daqui! Piedade! — e ajoelhou-se aos pés da cortezã, beijando-os com paixão- Não te peço uma noite, seria muito Mas^um instante apenas, um momento rápido, plíco. .

Sentoú-se Frinéa no divan, P^do as maos nos ombros do pretendente, que ainda acha-do, inclinara a cabeça ate junte, da.corteza Nesta posição o jovem pode então vei pelo decote da túnica, os formosos peitos d« Fnnea. Quasi desmaiou diante da visão de tao sedu-

<sup>10</sup>!!!In<sup>o</sup>tere"sas-me! - exclamou a mulher.

— Aceitas minha oferta ?

- Não. Recuso-a. Mas... concederte-ei gratis o que tanto desejas...

O afortunado pretendente, como se estivesse

num sonho, estreitou nos braços o corpo ardente da famosa hetaira... .

.....

— Como és linda! — dizia o jovem diante da nudez de Frinéa- Tinhama razão os que diziam que eras a imagem da própria Vénus!...

-- E tu? E's um Adónis! — exclamou ela, observando o corpo do rapaz, também inteiramente desrido.

E excitada diante da masculinidade daquele corpo de homem, deixou-se levar até a cama, onde foi colocada com todo cuidado pelo amante que a ela se enlaçou, murmurando frases delirantes de amor e de volúpia...

.....

Se Frinéa assim se entregava aos que lhe caiam em graça, em compensação repudiava outros, não havendo dinheiro que pudesse modificar a sua invencível repulsão.

Faziam-lhe ofertas nababescas, prometiam-lhe fortunas consideráveis, mas a cortezã não modificava a sua opinião, repelindo o pretendente, que acabava desalentado, desistindo.

Um destes malogrados pretendentes era Eutias, homem de péssima reputação- e de maus instintos, capaz das maiores torpezas e das mais indignas vinganças.

Todo mundo temia Eutias, principalmente as cortezãs, que o evitavam o mais possível, temerosas do seu mau caráter. Cer-ta vez, perambulando pelas ruas, a meditar numa vingança contra Frinéa, deu com Mirrina, que voltava para casa.

Acabara a amizade entre esta cortezã e Frineá. De amigas, tornaram-se inimigas irreconciliáveis. A causa da briga fora uma questão de ciúmes.

Mirrina, ao ver Eutias e sabendo dos seus amores contrariados, foi logo indagando:

— Já conseguiste os favores do teu Ídolo.

— Não tenho Ídolos — respondeu com mau humor.

— Isso não é verdade — respondeu ela. Posso até garantir que estavas pensando em \* nêá.

— Tens razão — respondeu Eutias. Pensava nela, não com amor, mas com odio.

— Meditavas alguma vingança? — perguntou ela, encarando-o.

— Quem sabe?... Mas a ti, o que importam os meus planos?

— Muito. Porque também a odeio.

— Tu? — disse ele com espanto. Mas na<sup>as</sup> eram tão amigas?

— Fomos, mas já não somos. Vem a minha casa que falaremos no caso.

Eutias seguiu-a sem replicar.

No quarto Mirrina tirou o manto, mostrando seus harmoniosos ombros e parte de seus grandes peitos nus, deixando-se cair num divan e convidando Eutias a sentar-se ao seu lado.

Começou logo a dominar entre ambos uma grande intimidade, contando cada um as causas de seu odio.

De repente disse Mirrina:

— Que plano traçaste para a vingança!

— Penso acusá-la como corruptora dos mais ilustres homens da Republica, inutilizando-os para os serviços da Patria.

Mirrina meditou um instante.

— Poderosa será a acusação — contestou — mas não a acho suficiente para ser condenada —

— Sabes alguma coisa que ela tenha feito e que seja passível de castigo?

— Sei. Queres ouvir-me?

— Pois não! Fala.

O fato a que se referia Mirrina era relativo á cerimonia que anualmente se realizava no templo de Eulexis, dedicada, á deusa Eulexis. Nestas ceremonias, chamadas nusterios de Eulexis, as cortezãs tinham uma sala exclusivamente para elas, onde ninguém podia entrar, nem mesmo os sacerdotes. Uma das cortezãs presidia as ceremonias religiosas, e aparentavam inocência e honestidade, como se fossem verdadeiras vestais. Concluída a cerimonia despojavam-se das roupas e beijavam-se e acariciavam-se entre si.

Frinéa assistira áquelas festas coberta com o manto. Ao ficarem todas nuas, mostrando umas suas formas fenecidas, outras a profusão dos pelos, negros ou louros, outras ainda inteiramente depiladas, ficou parada a admirar o espetáculo inaudito. Instada pelas outras desnudou-se também e gracejando, vestiu uns trajes sacerdotais, colocando-se em atitude de presidir aos atos licenciosos que se realizavam naquele momento. Umas aplaudiram; outras, invejosas de sua beleza, acusaram-na de prófa-

íiação do culto. Frinéa, zangada, vestiu-se e saiu.

Este fato, sem importancia, pois a cortezai o fizera num instante de bom humor, serviu para que Mirrína o apontasse a Eutias como um sacrilégio a ser punido.

Era a acusação de impiedade uma das mais frequentes entre as cortezãs; acusação terrível, pois não se podia fundar em indícios vagos ou difíceis de serem comprovados.

Quando Mírrina terminou a narração, os olhos de Eutias fulguravam de alegria.

— Agora sim, posso me vingar! Frinea ira pagar com a morte o seu desprezo!

— Olha se te vais arrepender... — avisou a perversa eortezã.

Eutias deu uma gargalhada.

— Arrepender-me? Eu? — replicou. Nao sabes de auanto sou capaz quando me ofendem!

— Então estás satisfeito com a noviaade que te contei?

— Muitíssimo! E a prova é que vou passar a noite contigo- Quanto queres?

— Nada' — replicou Mirrína atiranao-se aos braços de Eutias. Eu desejava isso mesmo. Quero provar que Frinéa não seria capaz de te fazer sentir tanto prazer como eu.

Eutias sorriu com incredulidade.

— Não rias, porque daqui a pouco irás me julgar como eortezã... Frinéa tem formas es-culturais, não o nego, mas as minhas inspiram mais desejos, mais voluptuosidade...

Deixou cair a túnica até á cintura, e prosseguiu:

— Olha estes peitos. São grandes e auros... toca-os...

Eutias tocou-os com as maos, acariciando os atrevidos mamilos, rodeados de rósea auréola, acabando por aplicar neles os lábios e a língua...

Mirrina ia deixando, sorrindo como unia bacante no cio, e sentindo que as mãos do homem desciam em busca de outro lugar, levantou-se, desamarrou o cinto e deixou cair a roupa no chão, mostrando o ventre impecável, as coxas robustas e roliças e as tentadoras virilhas recobertas de abundantes e crespos cabelinhos pretos...

— Dize agora se meu corpo não tem o necessário para satisfazer o homem mais exigente.

— Oh! Certamente — contestou Eutias. Diante de mim tenho a imagem da sensualidade...

Atraindo-a para junto de si, ardendo numa irreprimivel luxuria, caiu por cima dela, entrei vbrindo-lhe as coxas com as mãos ansiosas. . E assim levaram muito tempo, em carecia; ioliças, até que Mirrina murmurou:

— Não posso mais! Vamos, vou mostrar-te r prazer que te poderei dar...

Levantaram-se os dois. Encaminharam-se nara o leito, e enlaçados, braços e pernas, formaram os dois um só corpo...

---

## AMORES PAGÃOS

oT

Ao despertar Eutias contemplou Mirrina que ainda dormia, ressonando, os lábios semi-abertos-

— Se eu pudesse possuir Frinéa como possu? Mirrina! — pensou. Se ela me tivesse dado J que me deu esta criatura, maior, muito maior seria o meu gozo...

Com tais pensamentos sentiu o sangue sutton-lhe ás faces.

— Mas hei de me vingar — tornou a pensar, enraivecido. Vingar-me-ei do »eu desprezo! Já qui não quer ser minha morrerá.

Salto da cama e vestiu-se.

— Já vais? — preguntou Mirrina desper-tando.

— Sim.

— Tão cedo?

— Não sabes que tenho de dar realização ao meu plano?

— Ah! Sim, a nossa vingança — disse ela recordando-se.

Depois, muito séria:

— Aposto que nesta noite ao acariciar-me com tanto ardor e sofreguidão, pensavas em Frinéa.

Eutias olhou-a com desprezo:

— E ainda que fosse assim, que tens tu com isso? Não estás satisfeita? ..

Ela sorriu:

— Não estou de todo satisfeita, pois que vais tão cedo...

Eutias deu de ombros e continuou a vestir-se. Ao terminar estendeu-lhe as mãos.

— Voltas? — preguntou Mirrina, abraçando-o e beijando-o.

— Sim, decois de realizar a minha vingança — respondeu ele com ar sombrio.

Mirrina deixou-se cair de novo na cama, cruzou os braços sob a cabeça e pôs-se a meditar.

O novo amante só lhe era suportável pela sua extraordinaria potencia sexual. Desejara conhecê-lo pessoalmente e quanto lhe agradasse a sua lubricidade, comparavel á dela, não valia nada aquele homem. Frinéa tinha adivinhado quem era Eutias, e daí a sua explicável repulsa. O seu comportamento bruto e indelicado tornava-o antipatlico-

— Frinéa bem sabe quem é este homem... Eutias é ruim, malvado, capaz de todas as torpezas... Nunca o quererei como meu inimigo.

Nisto, entrou uma escrava na camará de Mirrina. Trazia uma carta que entregou ácor-tezã. A carta era de Bachis e dizia o seguinte:

"Ontem viram entrar em tua casa um -tal Eutias. Suponho que tenha sido o teu amante por esta noite. Recomendo-te cuidado, muito cuidado, porque se trata de um homem mau 4.0 menor desgosto que tenha por tua causa é "apaz de acusar-te como violadora das leis fundamentais do Estado. A amiga que'muito te estima — Bachis"

— Outra que o conhece! — pensou Mirrina sorrindo. Se soubesse o que tramamos nós dois! Uma coisa infame, mas não me arrependo... Os homens que alguma vez estiveram

com Frinéa desprezam-nos a todas... Pagará os desaires que nos fazem...

Pulou da cama, colocando-se diante do espelho.

— Ainda sou formosa — prosseguiu, reparando nas suas formas voluptuosas. Se Frinéa morrer serei uma das mais cubicadas eortezás de Atenas...

E entrou no quarto de banho onde a esperava a escrava para lavá-la e perfumá-la.

---

Poucos dias depois destes acontecimentos, estava Frinéa encostada num divan ouvindo a sua velha amiga Gnatenion, que lhe contava as impressões de uma festa de auletridas a que havia assistido.

Estas auletridas, se bem que tivessem amores verdadeiros, permitiam-se entre si relações eróticas das mais desenfreadas lascívias. Estas mulheres, exercitadas desde cedo na arte da sensualidade, chegavam em breve a desordens terríveis, pervertendo os sentidos. A vida inteira era luta perpetua de luxuria, como num " studio" de beleza física; á força de ver a sua nudez e compará-la á de suas companheiras, afeiçãoavam-se a estas e criavam gozos sem o concurso dos amantes, que as deixavam frias e insensíveis. Ha nuns Diálogos de Luciano, uma mulher que se lamenta da infidelidade de sua amante, a quem ama ha muito tempo e a quem dá presentes valiosos, inclusive um homem

Estes costumes de depravação eram muito

comuns entre as auletridas. Reuniam-se eiu festins onde não era permitida a entrada de homem algum. E as festas se faziam sob a egi- de de Penis Peritasia. Nestes festins, que se chamavam Calespigos, diante deste tribunal de mulheres quasi nuas, coroadas de rosas, e entre taças de vinho, tinha lugar ainda o combate da beleza, como nas margens do Alfeu no tem- po de Cípselo, sete séculos antes da era cristã. Cípselo, desterrado de Corinto, edificou uma ci- dade e povoou-a com habitantes da Arcadia: nesta cidade, consagrada a Ceres de Eleusis, as mulheres eram chamadas para concorrer aos concursos de beleza. Desde sua fundação, estes memoráveis combates se renovavam com es- plendor exn cada quinquénio e as mulheres acu- diam em multidão para se exibirem diante dos juizes, que dificilmente podiam manter calma e imparcialidade. Não havia outros combates idênticos na Grécia, se bem que ali fosse a be- leza enaltecida e adorada: mas as cortezãs com- praziam-se em imitar em suas reuniões secre- tas a estranha fundação de Cípselo, fazendo por sua vez de juizes e partes destes jogos volu- ptuosos que celebravam a portas fechadas- A« auletridas, mais do que as outras cortezãs, gos- tavam de ver-se nuas e julgarem-se a si, prelu- diando os mistérios de suas afeições lésbicas.

Em algumas destas festas era permitida a entrada de jovens gregos, mas somente como espetadores; geralmente as cortezãs, mesmo as mais desavergonhadas, não gostavam que suas

desordens lúbricas fossem presenciadas pelos homens.

As que não se deixavam arrastar, pelo menos por curiosidade, a estas devassidões, eram ridicularizadas ou então apontadas como tendo alguma moléstia secreta aue pretendiam ocultar.

As auletridas não podiam ser acusadas, pois se mostravam nuas no exercício da sua profissão, mas o seu recato era levado em conta pelas suas preferencias lésbicas.

—Não imaginas como nos divertimos — dizia Gnatenion a Frinéa. A mesa, repleta de manjares deliciosos, achava-se colocada num jardim profusamente iluminado.

"As auletridas se achavam nuas da cintura para cima, chamando a atenção a variedade de seios. Concluída a ceia, na qual consumimos grande quantidade de vinhos, as auletridas tocaram e dançaram com movimentos do ventre de grande efeito lúbrico... Depois tiraram as gaias e continuaram as contorsões completamente nuas, imitando convulsões do prazer ..

"Nós, as cortezãs, continuávamos vestidas contemplando tão provocador espetáculo, que era mesmo de enlouquecer... Mas de repente, algumas delas arrojaram-se sobre nós, despojando-nos das roupas e desnudando-nos inteiramente... Melgara apertou-me contra ela colando os seus peitos aos meus, e fazendo-me cair debaixo dela, esfregando-se... apertando-me... Oh! Que deliciosos momentos passamos juntas!

A narrativa de Gnatenion foi interrompida pela chegada de Bachis que se mostrava muito apreensiva e nervosa.

— Que tens? — indagou Frinéa.

— Ainda não sabes? — disse Bachis encarando a amiga com piedade.

— Não sei nada. De que se trata? — replicou Frinéa. Alguma má notícia?

— Sim.

— Para ti ou para mim? — indagou Frinéa também assustada.

— Para ti.

Frinéa estava intrigada, exclamando:

— Uma má notícia para mim? Mas que foi? De que se trata?

— Ofendeste a Eutias, esse homem mau e vingativo? — preguntou Bachis.

— Eutias? — respondeu Frinéa- Lembro-me de que quis ser meu amante, mas eu o repeli.

— Pois esse miserável deseja vingar-se.

— De que modo?

— Acusando-te diante do tribunal dos Heliastas, de teres profanado a majestade dos mistérios de Eleuxis, criticando-ds, e de estares continuamente ocupada em corromper os cidadãos mais ilustres da Republica, prejudicando a causa da Patria.

Frinéa e Gnatenion estavam estupefatas.

— Mas essa acusação é terrível! — exclamou Gnatenion. Implica a pena de morte. Como soubeste disso?

— Acabou de mo dizer Hiperides, que como advogado o soube no tribunal.

## AMORES PAGÃOS

Frinéa, tapando o rosto com as mãos, chorava desesperadamente.

— Mas isto é horrível! — disse ela. Esse homem é um perverso. Como poderei provar a minha inocência? Quem poderá defender-me de tão grave acusação?

— Só conheço um homem capaz disso — disse Gnatenion.

— Quem é? — preguntou Frinéa ansiosa e aflita.

— Hiperides.

— Hiperides? — disse Frinéa encarando Bachis. Mas não é atualmente teu amante?

— E' — disse Bachis.

— Então estou salva — prosseguiu Frmea. Vai pedir-lhe que me defenda. Não mereço de ti, minha querida Bachis, este favor?

E cobriu de beijos o semblante da amiga.

— Já pedi — disse Bachis com tristeza.

— Recusou?

— Sim- Receia uma derrota.

— Então estou perdida! — murmurou Frinéa, choi'ando.

— E se foses tu mesma que pedisses? Quem sabe? — sugeriu Gnatenion.

Frinéa levantou-se, nervosamente.

Oh! Tens razão! — exclamou. Tens toda a razão, Gnatenion. Rojar-me-ei aos seus pés... Mas has de me acompanhar, Bachis... Hiperides tem um excelente coração e não terá coragem de não atender aos nossos rogos e súplicas.

Vestiu-se apressadamente, cobriu-se com o

manto e saiu na companhia do sua dedicada amiga Bachis.

Ao chegarem á casa de Hiperides, Bachis deve Frinéa:

— E' melhor apareceres sózinha. Tuas palavras serão mais eloquentes do que as minhas. Has de falar com tanto calor e sinceridade que tuas palavras irão até sua alma, até seu coração -

Beijou a amiga e deixou-a entrar só.

Frinéa entrou sem vacilar.

O célebre e eloquente orador estava sentado, com a cabeça apoiada nas mãos, meditando na terrível acusação que pesava sobre a cortezã. Vendo-a ali perto dele, toda coberta, exclamou admirado:

— Tu, aqui?

— Sim, eu mesma. Acabo de saber por Bachis da infame e torpe acusação de Eutias contra mim, e venho implorar-te que tomes a minha defesa — disse Frinéa olhando com ternura u grande advogado.

Hiperides baixou os olhos sem nada poder dizer.

— Não dizes nada? — prosseguiu ela, apertando as mãos dele com amor. E' a vida que te peço, e calas?

— (Porque se trata da tua vida é que não tento contrair tamanha responsabilidade. A acusação desse malvado Eutias é terrível e não tenho poder para destrui-la.

Frinéa quasi desfaleceu-

— Se não te atreves a defender-me, tu, o me-

lhor orador da Grécia, quem me poderá defender?

tia muitos outros que o podem fazer. Eu posso até recomendá-los.

— Não, não! Somente tu me poderás salvar da morte com a tua eloquencia! Não quero morrer! Eu não quero morrer! Peço-te compaixão pela minha mocidade... pela minha beleza, que tu tantas vezes enalteceste!...

CRorando, atirou-se ao chão, cobrindo de beijos as mãos do notável orador.

Hiperides olhou-a com ternura e ela parecia-lhe ainda mais bela naquela atitude de sofrimento; de repente, iluminou-se-lhe o semblante e, num gesto decisivo, indicou que aceitaria a incumbência.

A cortezã, através de suas lagrimas, percebera aquele movimento de assentimento. E pondo-se de pé, ria de satisfação.

— Então aceitas a minha defesa? — exclamou.

— Aceito, porque não posso resistir ás tuas súplicas-

Que bom! Estou salva!.

Farei o possível. Tudo depende do julgamento.

Tudo dependerá de ti, meu amor — e

abraçando-se ao notável jurisconsulto, cobriu-o de beijos e afagos. Não morrerei! Devo-te a vida. Poderás fazer de mim o que quiseres. Serei a tua escrava... para toda a vida!

Hiperides ainda falou um pouco. Depois levou a cortezã á porta da rua. E quando Frinéa desapareceu, ele pôde medir bem a tremenda responsabilidade que havia tomado, aceitando a defesa dificílima de uma acusação tremenda...

---

---

F I M

---

---

---

Os leitores devem conhecer o veredito do famoso tribunal. Constituirá esse tema o assunto do proximo volume, intitulado:

f r i n é a

A MELHOR BIBLIOTHECA GALANTE

# LEITURAS DE ALCOVA

## NOVELLAS JA' PUBLICADAS:

A insaciavel — American-film — A menina desapparecida — Aventuras de Mariquinhas — Manequins de Paris — Amor no celleiro — Uma família modelo — Uma mulher de quarenta annos — Elias tudo conseguem — Memorias de um sofá — Uma noite de prazer — Amores lúbricos — A cortina carmezim — Casanova galante — As amantes de Casanova — O cavaleiro de Seingalt — Flores de laranjeira — O talisman do amor — Messalina — A pomba e o falcão — Confissões de uma peccadora — Delicias campestres — Os cinco beijos de Odette — Um principe de saias — Uma italiana ardente — Viva o amor/... — O amor de cada dia — Cinzas do peccado — Amores de um estudante — O cruzeiro da volúpia — Caricias trocadas — O sobrinho do commandante — Entre lençes — O passarinho mysterioso — Uma entrevista no palheiro — Uma noite feliz.

A colleccão á venda em todos o» pontos de jornaes»  
mô preço de MIL REIS, cada novella.



MCMXXXIV

**RIO**